via lateral

revista de ensaio, arte e cultura n. 6 abril e maio de 2018 distribuição gratuita

Luciano Martins, *Amy Winehouse* (2008)

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

prezado leitor

Neste número seis de **Via Lateral**, contamos com a colaboração do artista plástico **Luciano Martins** (veja perfil ao lado), que gentilmente concedeu uma de suas obras para ilustrar nossa capa, e a quem queremos aqui manifestar nossa profunda gratidão. Com seu exemplo, esperamos que outros e outras artistas plásticos se animem e queiram também participar de **Via Lateral**, que estará com as portas sempre abertas, como estão abertas também à poetas, fotógrafos, ensaístas e todo os interessados pela cultura fora e dentro de nossa cidade.

Contamos também com a colaboração, não menos importante, de **Alzemi Machado**, Coordenador Técnico da *Hemeroteca Digital Catarinense*, que escreveu para este número um artigo sobre os primeiros anos da imprensa em Santa Catarina. Alzemi Machado promete continuar a escrever sobre os muitíssimos jornais que, com maior ou menor sorte, circularam no Estado, como testemunha o acervo da Hemeroteca. Também a ele queremos expressar nosso sincero agradecimento.

Outras pessoas colaboraram ou contribuíram de alguma maneira para a edição deste e dos anteriores números da revista, e já que estamos agradecendo, aproveitamos para agradecer também a elas.

Por último, agradecemos aos nossos **patrocinadores**, sem os quais essa publicação não existiria ou, se existisse, não seria gratuita. Pedimos, por isso, aos nossos leitores, que os prestigiem. Devido as dificuldades financeiras inerentes a uma empresa desse gênero, neste número começamos uma seção de pequenos anúncios (**assinante-patrocinador**), com a qual esperamos obter mais recursos para continuar a publicar **Via Lateral** e, se tivermos êxito, inclusive para, num futuro não muito distante, aumentar a quantidade de páginas. Se você aprecia nossa revista, pode tornar-se também um **assinante-patrocinador**, fazendo uma doação ou uma assinatura simbólica (já que a revista é gratuita) e recebendo, em troca, cada número em sua própria casa. Para isso, basta encontrar em contato conosco através do meio de sua preferência (dados no «expediente», abaixo).

Enfim, com a esperança de que este número seja do agrado da maioria, agradecemos a todos que nos apoiam, lêem e acreditam que é possivel uma **Via Lateral**.

Luciano Martins (Porto Alegre, 1966) mora em Florianópolis. Sua pintura é conhecida pelos traços aparentemente infantis, mas que possuem uma inegável força expressiva, além de ser naturalmente agradável aos olhos. Participou de diversas exposições no Brasil, na Argentina, na França, nos E.U.A, na Itália e em outros países. Luciano Martins atua junto a inúmeras ONGs e realiza trabalhos educativos em escolas públicas e privadas de todo o Brasil, porque «acredita no poder da arte como ferramenta de inclusão social». Atualmente, é um dos artistas plásticos vivos de maior êxito no país. Além dos quadros de inspiração própria, como a que ilustra essa edição de **Via Lateral**, são bastante conhecidas suas «releituras», que oferecem uma visão muito pessoal e sumamente original de grandes obras da pintura universal. Sua obra pode ser apreciada gratuitamente na galeria que mantém aberta na Lagoa de Conceição, em Florianópolis.

expediente

revistavialateral@gmail.com
99130-1355
vialateral
revistavialateral

via lateral / nº 6 / florianópolis
abril e maio de 2018
5.000 exemplares

Edição e arte: **Wanderlei S. Gomes jr.** / Colaboram neste número: **Laércio Bertrand, Manuel Firmo, W.S. Gomes Jr., Alzemi Machado, Malena, Luciano Martins.** / A tradução dos poemas de **Walt Whitman** são de **Manuel Firmo**, cotejada com a versão em espanhol do escritor argentino **Jorge Luís Borges**. O envio de qualquer matéria à Via Lateral implica a autorização de sua publicação de forma gratuita, pois a revista não remunera seus colaboradores. / As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. / As imagens não acreditadas foram encontradas através do *google images* e não continham informação sobre os seus autores. / As matérias não assinadas são de autoria da redação.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

imprensa

inícios da imprensa em santa catarina

alzemi machado

Ao chegar ao Brasil, em 1808, a **Família Real Portuguesa** trouxe em sua bagagem dois prelos compostos de material tipográfico, com finalidade exclusiva de imprimir documentos administrativos, legislação e livros, entre outros papéis oficiais. Em um destes prelos, foi impresso, no dia 10 de setembro de 1808, o semanário **Gazeta do Rio de Janeiro** (1808-1821),surgindo, assim, o primeiro jornal publicado no Brasil.

Entretanto, já havia uma outra publicação jornalística que circulara clandestinamente no Brasil desde 1° de junho de 1808: o **Correio Braziliense** ou **Armazém Literário** (1808-1822), publicação editada e impressa em Londres, sob responsabilidade do exilado político **Hipólito José da Costa**. O jornal seguia uma linha política oposicionista à Coroa, congregando ideias liberais, o fim da escravatura e a instauração de uma Monarquia constitucional.

Prelo tipográfico onde foi impresso ***O Catharinense***, o primeiro jornal do Estado, que circulou entre os anos 1832 e 1833. Atualmente, encontra-se exposto no *Museu Anita Garibaldi*, em Laguna.

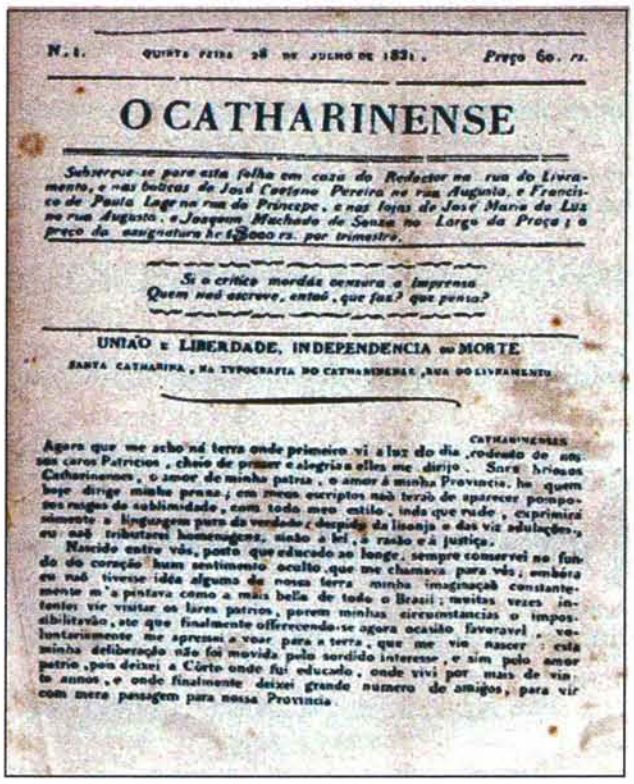
Com o fim da censura prévia, ocorrido em 1821, começam a proliferar publicações periódicas nas *Províncias* do país. Assim, em Santa Catarina, o nascimento da imprensa pode ser datado do dia 28 de julho de 1831, quando começa a circular, na antiga Desterro, o jornal **O Catharinense**, o primeiro a ser editado e impresso em terra barriga-verde.

Seu fundador, **Jerônimo Francisco Coelho** (1806-1860), catarinense de Laguna, estudou na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde chegou ao posto de Capitão de Engenheiros. Exerceu cargos políticos e administrativos nas Províncias de Santa Catarina, Pará e Rio Grande do Sul. Além de ser o fundador da loja maçônica Concórdia, foi o jornalista, editor e impressor responsável pelo nascimento da inédita publicação, e por isso é até hoje saudado como o **Patrono da Imprensa Catarinense**.

Com redação instalada à Rua do Livramento (atual Trajano), *O Catharinense* saía à venda toda quinzena, impresso tipograficamente em quatro páginas, no formato 15,3 x 21,5 cm, e podia ser adquirido por compra avulsa ao preço de 60 réis ou mediante assinatura trimestral.

Sua linha editorial estava identificada com os princípios liberais, manifestando forte oposição em relação ao controle político e econômico dos portugueses, o que ficava visivelmente destacado na primeira página: «*União e Liberdade, Independência ou Morte*». Já em seu primeiro número, não mediu palavras ao atacar o ex-Imperador Pedro I, a quem chamou de «*estúpido, avarento e doido, que há pouco, espavorido, abandonou as praias do solo americano*». Na edição de número 6, foi mais além: «*Quando, na noite de 6 de abril, os bravos fluminenses marcharam ao Campo da Honra, não foi certamente com a única intenção de derrubar do trono esse desgraçado e estúpido Pedro de Bragança, que por si só era o mais desprezível dos inimigos do Brasil*».

Além de interesses políticos locais, *O Catharinense* noticiava e comentava assuntos da Corte e de outras Províncias, a entrada e saída de embarcações, declarações e atos oficiais,



N. 1. QUINTA FEIRA 28 DE JULHO DE 1831. Preço 60. rs.

O CATHARINENSE

Subscreve-se para esta folha em caza do Redactor na rua do Livramento, e nas boticas de José Caetano Pereira na rua Augusta, e Francisco de Paula Lage na rua do Principe, e nas lojas de José Maria da Luz na rua Augusta, e Joaquim Machado de Souza no Largo da Praça; o preço da assignatura he 1$000 rs. por trimestre.

Si o critico mordáz censura o imprensa
Quem nuó escreve, entuó, que faz? que pensa?

UNIÃO E LIBERDADE, INDEPENDENCIA OU MORTE

SANTA CATHARINA, NA TYPOGRAFIA DO CATHARINENSE, RUA DO LIVRAMENTO.

CATHARINENSES

Agora que me acho na terra onde primeiro vi a luz do dia, rodeado de meus caros Patricios, cheio de prazer e alegria a elles me dirijo. Sois brios Catharinenses, o amor de minha patria, o amor á minha Provincia, he quem hoje dirige minha pena; em meus escriptos naõ terão de apparecer pomposos rasgos de sublimidade, com todo meo estilo, inda que rude, exprimirei simplesmente a linguagem pura da verdade; despido da lisonja e das viz adulações, eu naõ tributarei homenagens, sinão á lei, á razão e á justiça.

Nascido entre vós, posto que educado ao longe, sempre conservei no fundo do coração hum sentimento oculto, que me chamava para vós; embóra eu naõ tivesse idéa alguma de nossa terra minha imaginação constantemente m'a pintava como a mais bella de todo o Brasil; muitas vezes intentei vir visitar os lares patrios, porem minhas circumstancias e impossibilitavão, ate que finalmente offerecendo-se agora occasião favoravel, voluntariamente me apresentei a voar para a terra, que me vio nascer: esta minha deliberação não foi movida pelo sordido interesse, e sim pelo amor patrio, pois deixei a Côrte onde fui educado, onde vivi por mais de vinte annos, e onde finalmente deixei grande numero de amigos, para vir com mera passagem para nossa Provincia.

Fac-símil da primeira página da primeira edição de ***O Catharinense***.

estatutos como o da futura Sociedade Patriótica, suplementos, utilidades domésticas, artigos assinados, correspondência e anúncios comerciais, o que ajudava a cobrir os custos de impressão. Presume-se que tenham circulado vinte e dois números, encerrando seu ciclo jornalístico em 25 de janeiro de 1832. A **Biblioteca Nacional** possui as edições originais de números 1,2 e 22, e a **Biblioteca Universitária da UFSC** o original do primeiro número. É possível acessá-los através do página da Hemeroteca Digital Catarinense (**hemeroteca.ciasc.sc.gov.br**).

Em 1878, o jornal **O Município** (1878-1879), o primeiro periódico editado em Laguna, foi impresso no mesmo prelo de *O Catharinense*. Em 1902, o maquinário foi adquirido por Saul Ulysséa para a impressão do jornal **O Comércio** (1903-1905) e, anos mais tarde, foi doado à **Prefeitura Municipal de Laguna**, estando exposto permanentemente no **Museu Anita Garibaldi**.

Alzemi Machado, Bibliotecário, Mestre em Educação e Cultura, é Coordenador Técnico da Hemeroteca Digital Catarinense

Ψ Sérgio Scotti
Psicanalista
CRP: 12/00138
Professor de psicologia da UFSC
Orientador da pós-graduação
Mestre pela UFSC
Doutor pela USP - Universidade de Paris 8
whatsapp (48) 9 9961 1011
sergioscotti53@gmail.com
Atendimento no centro da cidade

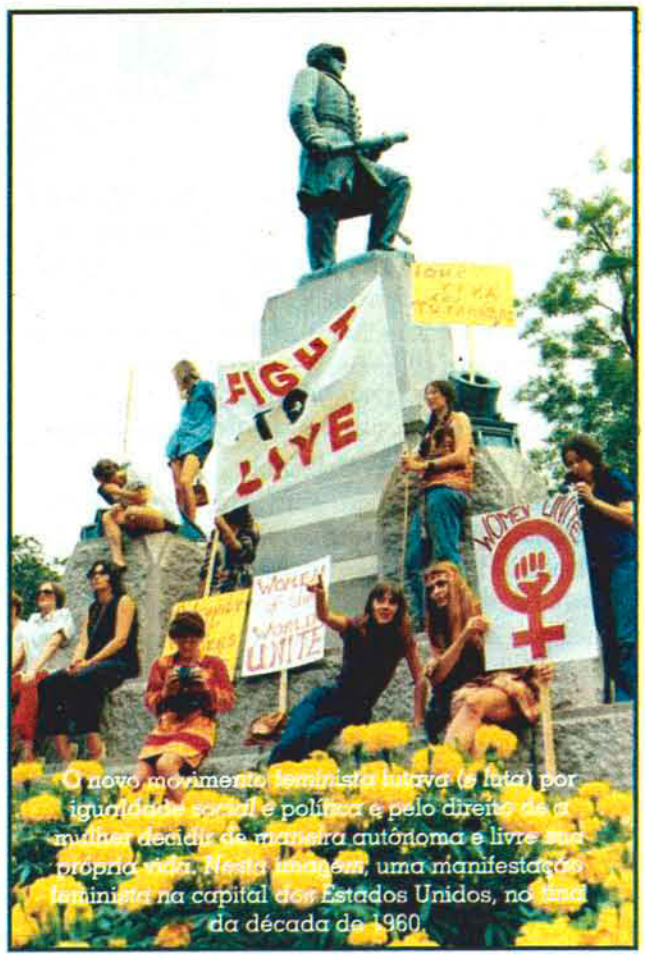
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

política e comportamento

a juventude entra na história

w.s. gomes jr.

Talvez nenhum período da história recente tenha transformado tão profundamente o mundo quanto a década de 1960. Foi uma época de lutas contra costumes arraigados, contra o autoritarismo, o racismo, o machismo, as guerras e as ditaduras. Protagonistas inesperados dessas lutas, os jovens saíram às ruas do mundo inteiro, decididos a virar de ponta-cabeça um mundo que consideravam errado, injusto, antiquado e opressor. Da França aos Estados Unidos, do Brasil à Tchecoslováquia, exigiam aos gritos o seu lugar na cena política e social, um lugar que, uma vez conquistado, jamais abandonariam.



O novo movimento feminista lutava (e luta) por igualdade social e política e pelo direito de a mulher decidir de maneira autônoma e livre sua própria vida. Nesta imagem, uma manifestação feminista na capital dos Estados Unidos, no final da década de 1960.

Menos de uma década após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo ocidental entrou em um período de rápido crescimento econômico, em grande parte patrocinado pelos Estados Unidos. O temor aos excessos do liberalismo econômico, que tinham conduzido o mundo às duas grandes catástrofes do século XX, bem como o medo ao comunismo, que nesse momento triunfava na União Soviética e nos novos países do bloco socialista do leste europeu, levaram os governos ocidentais a implementar políticas econômicas e sociais que atendessem as reivindicações da massa de trabalhadores dos seus países.

O resultado foi benéfico para o capitalismo, pois propiciou a entrada no mercado de consumo de uma enorme quantidade de pessoas que, antes, só a duras penas podiam adquirir o essencial para viver. Na Europa e nos Estados Unidos, além de países como Japão e Austrália, o aumento do poder de compra da população estimulou o desenvolvimento tecnológico voltado para o mercado.

O lançamento dos satélites artificiais, a difusão da telefonia e dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, tornaram possível o compartilhamento de informações e de ideias de um modo sem precedentes na história,

Esquerda: Em agosto de 1968 os tanques soviéticos entraram em Praga, capital da Tchecoslováquia, para acabar com a tentativa de democratização do regime socialista. A juventude saiu às ruas para uma resistência heróica mas inútil. Estima-se que mais de cem pessoas tenham sido mortas durante a invasão. Centro: Martin Luther King, o pastor batista que liderou o movimento pelos direitos civis da população negra (ou «afroamericana») nos anos 1960, acabou assassinado em abril de 1968. Direita: Um muro de Paris, palco da mais radical revolução juvenil desse período, com a frase que ficou famosa no mundo inteiro: «É proibido proibir».

permitindo a todas as pessoas observar e conhecer o que acontecia em partes do mundo muito distantes de sua casa. Ao mesmo tempo, a popularização do automóvel e das rodovias diminuía as distâncias geográficas, o barateamento das viagens de avião estimulava o turismo de massa e o intercâmbio cultural. E, para suprir a crescente demanda industrial de trabalhadores qualificados, o mundo se enchia de universidades, cujos *campi* tornaram-se lugares privilegiados de debate político entre a juventude.

Nem tudo, porém, eram flores no mar de rosas da chamada «década prodigiosa». Esse novo mundo de consumo e tecnologia abriu as portas da rebelião a grupos que até então se mantinham mais ou menos calados diante da força dos costumes, da família, da tradição, da lei e, quando tudo falhava, dos cassetetes da polícia. Mulheres, negros, estudantes —todos aqueles que até então tinham se contentado em ficar calados e submissos em segundo plano— começaram a sair às ruas para exigir reconhecimento social e igualdade de direitos. E todos esses grupos se caracterizavam por estar compostos majoritariamente por jovens menores de trinta anos, embora sua inspiração e fundamentação ideológica remetesse a intelectuais mais velhos, como Herbert Marcuse (autor do livro *O homem unidimensional*) ou Simone de Beauvoir (uma das fundadoras do feminismo moderno e autora do primeiro livro a tratar profundamente e desde uma perspectiva feminina o papel e a situação da mulher na sociedade moderna, *O segundo sexo*.) ⇨

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A inesperada aparição, no cenário político, de uma nova juventude rebelde e insatisfeita, foi, de fato, o que deu a tônica a praticamente todos os novos movimentos de protesto social. Ser jovem tinha sido sempre apenas uma condição biológica que precedia à idade adulta. A exclusão dos jovens das instituições e dos mecanismos de direção da sociedade era considerada coisa natural e inquestionável. A juventude como tal não existia: tratava-se somente de um conjunto de seres humanos sem identidade nem interesses próprios, a não ser por sua situação de «não-adulto». A obrigação de todo jovem era, portanto, aprender a ser adulto, para só então, devidamente treinado e instruído, participar do mundo "verdadeiro". E, se o jovem em questão fosse ademais mulher, o isolamento, a dependência a que ficava submetido era ainda maior.

Desde a década de 1950, porém, tinham começado a aparecer algumas gretas nessa forma de ver as coisas, gretas que nos últimos anos da década seguinte foram se transformando em rachaduras cada vez mais profundas, deixando claro que o muro que separava os jovens do mundo real não era assim tão sólido e inexpugnável.

Ao longo dessas duas décadas, as facilidades de transporte e comunicação, assim como o turismo massivo, ampliaram os contatos entre jovens do mundo inteiro, que puderam encontrar-se cada vez com mais frequência, trocar experiências e, o que é mais importante, consolidar pouco a pouco uma cultura juvenil com identidade própria, cuja principal característica era a oposição radical e intolerante a tudo o que fosse considerado antigo ou velho, incluídos os seres humanos.

Um dos principais centros propulsores desse processo foi a universidade. Instituição tradicionalmente reservada aos estratos mais altos da sociedade, a universidade multiplicara-se rapidamente por todo o mundo ocidental, inclusive no Brasil, principalmente para atender a crescente demanda de mão-de-obra qualificada da nova sociedade tecnológica de consumo, mas, também, para satisfazer às exigências de uma educação cada vez mais refinada e democrática, condizente com uma sociedade mais igualitária e justa (o chamado «*welfare state*»). Os *campi* universitários formavam pequenas cidades relativamente independentes, fervilhantes de pensamento, discussão e crítica a um mundo em muitos aspectos arcaico e atrasado.

Essa juventude mais culta, mais consciente do seu papel e, como é natural, mais impaciente, não estava disposta a esperar que os dirigentes políticos, todos eles «velhos», mudassem o mundo. Para desespero dos próprios pais, que não entendiam por quê os seus filhos se rebelavam contra um mundo que, para a maioria das famílias, pela primeira vez na história parecia justo e próspero, a juventude dos anos 60 colocou-se frontalmente contra tudo o que representava a «velha ordem». ⇨

Os cartazes das manifestações do maio francês de 1968 eram impressos pelos próprios estudantes. Como podemos ver pelos exemplos acima, não lhes faltava imaginação. O do alto diz: «Menor de 21 anos [a idade mínima para poder votar]: eis aqui vossa cédula de voto!». O de baixo: «Sê jovem e cala-te!».

A rebelião juvenil alcançou seu auge em Paris, em maio de 1968, com duros enfrentamentos entre estudantes, operários e forças policiais e inclusive com o levantamento de barricadas no bairro universitário (o «*Quartier Latin*»). No entanto, talvez por não saber exatamente como construir o novo mundo com que sonhavam, sua rebeldia foi essencialmente iconoclasta: destruidora de símbolos consagrados, de valores, de costumes e de uma moral que consideravam, com fundamento, arcaica e opressora.

Embora os efeitos políticos da revolução da juventude não tenham sido tão espetaculares como os acontecimentos que lhes deram origem, é inegável que transformou para sempre a face da terra, e não só nas avançadas sociedades capitalistas ocidentais. As formas de comportamento, os valores que giravam ao redor da família tradicional, patriarcal e autoritária, as modas, os credos e os gostos, os movimentos sociais, nada voltou a ser como era antes, apesar da resistência do tradicionalismo e dos episódicos renascimentos do conservadorismo.

O mundo se abria e se conectava cada vez mais, as relações sociais extrapolavam o universo da família, do bairro, da cidade e inclusive do país. Os renovados ideais de liberdade e de igualdade, que a Revolução Francesa de 1789 tinha lançado e logo esquecido, constituíam a espinha dorsal de todos as revoltas populares dessa época. As mulheres, os negros, os homossexuais, as minorias e maiorias étnicas, que até então constituíam grupos de «**outros**» cuja identidade se definia por oposição aos que controlavam a sociedade, adquiriram um «**para si mesmos**» que lhes permitia reconhecer-se com autonomia.

De um ponto de vista histórico, de longo prazo, parece claro que essa grande Revolução não fracassou, nem sequer terminou. Foi apenas uma etapa, mais conturbada, sem dúvida, da longa rebelião de nossa **capacidade racional**, de nossa **cultura** contra nossos instintos e impulsos egoístas. Da longa revolução que nos torna cada vez mais humanos, que nos converte em seres inteligentes, capazes de ordenar a vida conforme critérios éticos e não passionais.

É certo que nossa tendência **cultural** para o consumismo desenfreado e nossa tendência **natural** a apoiar atos e comportamentos repressivos constituem fortes obstáculos. Talvez sejam essas duas tendências complementares e daninhas nosso sempiterno inimigo. E talvez seja por isso mesmo, por se sentir acuados, que os que são levados por elas estejam hoje em pé de guerra contra quem defende a liberdade, a igualdade, a civilidade, a convivência e a paz.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

política & comportamento

a juventude brasileira vai à luta

laércio bertrand

Embora não fizesse parte do grupo de países que, por volta da década de 1960, começou a ser chamado de «***desenvolvido***», o Brasil passou também por profundas transformações socioeconômicas. O crescimento ininterrupto da população acelerou o processo de urbanização, que vinha se produzindo já desde a década de 1920. A industrialização, fomentada por todos os governos, favoreceu o surgimento de uma classe média urbana formada por funcionários públicos e profissionais liberais e de uma massa operária capazes de levar suas exigências aos centros de poder. A democracia se impôs como regime político em 1945 e, pela primeira vez na história do país, o voto popular passava a ter um peso real na elaboração das políticas de governo e nos programas partidários.

A doutrina do «***desenvolvimentismo***», segundo a qual a industrialização a marchas forçadas era o caminho que levaria o Brasil a alcançar o nível de prosperidade dos países ricos, tornou-se hegemônica. Assim, o Brasil conheceu um breve surto de crescimento urbano-industrial durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Os capitais e as empresas estrangeiras que, como a Volkswagen, eram recebidos de braços abertos, financiaram a modernização da sociedade e deram início ao processo de endividamento externo, que se multiplicaria durante o regime militar e levaria ao caos econômico da década de 1980. Mas o modelo brasileiro de desenvolvimento esgotara-se já no final do governo Kubitschek, levando à uma grave crise política e a uma acirrada polarização da sociedade, o que acabou resultando na «amputação» da jovem democracia brasileira e na implantação do regime militar (1964-1985).

Também no Brasil a juventude estudantil havia despertado para a política ativa no início da «década prodigiosa», pouco antes de que os espaços se fechassem para todos. Em abril de 1964, a sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro, foi atacada e incendiada, e a Universidade de Brasília foi invadida pelos militares. Protestos e confrontos com as forças de polícia acabaram com a morte e a prisão de inúmeros estudantes. Mas também nas artes, na música, na poesia, e até mesmo no cinema, os jovens foram protagonistas destacados, criando poemas, canções ou filmes de alto conteúdo político. O regime endureceu sua postura e, em 1968, o general Costa e Silva baixou o ***Ato Institucional nº 5***, que, entre outras medidas, decretou o fechamento do Congresso, expurgou das universidades os professores considerados subversivos e estabeleceu a censura prévia aos meios de comunicação.

No alto, manifestação estudantil, em 1968, pedindo reformas na educação. Acima: incêndio da sede da UNE, no Rio de Janeiro, em 1964.

Assinantes Patrocinadores de Via Lateral
Ingleses e Canasvieiras

moda

TOUCHIC for you
Rod. João Gualberto Soares, 653 Ingleses
9 8803 5304 @touchicforyou

MIRAZZI PLUS SIZE
João Gualberto Soares, 117 Loja 3
3030 9918

Brechó Feria Americana
999621128
R. José Rosa, 449 Loja 4 Canasvieiras

TOP 15
PREÇO ÚNICO R$ 15,00
Rod. João Gualberto Soares, 515 Ingleses
Pça. Nereu Ramos - Centro - Biguaçu

bazar

Loja ADRENALINA
Acessórios Vestuário
Eletrônicos Tênis
João Gualberto Soares, 251 Ingleses
9 9816 0030

celulares

DOCTOR CELL
João Gualberto Soares, 166 Ingleses
99188 0828

vidraçaria

PortoVidros Vidraçaria
Box
Espelhos
Esquadrias de Alumínio
Vidros Temperados em Geral
Mão de Obra Especializada
Orçamento Gratuito
3369-7164
João Gualberto Soares, 487 Ingleses

imóveis

KWALTRAN
Engenharia & Consultoria
Legalizações
Negócios Imobiliários
Sustentabilidade é a nossa marca
Rod. João Gualberto Soares, 96 - Sala 01 Ingleses - Florianópolis SC

alimentação

Mercatto
Rodízio pizza
TELE-ENTREGA 3366-0734 3366-0735

saúde

ÓTICA FUTURA
Rod. João Gualberto, 96 Ingleses
3204 9081 99998 4471

ÓTICA ZANI
GUESS D&G
Rua José Rosa, 265 - Canasvieiras
3369 0454
oticaczani@hotmail.com

móveis

Rizzatti móveis
98403 6090 3369 3713
www.rizzattimoveis.com.br
Rizzatti Moveis rizzattimoveis
Rod. João Gualberto Soares, 835 Ingleses - Florianópolis

ensino

UNIDADE INGLESES CURSOS
• INFORMÁTICA
• PROFISSIONALIZANTES
• BELEZA
• IDIOMAS
48 3364-5340
48 99868-9325
WWW.OPENBE.COM.BR

papelaria

MilCores Papelaria
Rodovia João Gualberto Soares, 671 - Loja 0 3 Ingleses - CEP 88058-300 - Florianópolis
Fone: (48) 3269.4239

POINT PAPELARIA & BRINQUEDOS
João Gualberto Soares, 735 Ingleses
3369 7251

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

magia e mistério

os números

Os números sempre fascinaram o ser humano. Pitágoras, o gênio matemático da Grécia Antiga, afirmou que os números revelam o código do universo. É certo que, sem o conhecimento dos números e de suas relações, seria impensável a ciência moderna e todo o desenvolvimento tecnológico que ela propicia. No entanto, talvez por sua aparente impenetrabilidade, os números deram origem a uma imensa mitologia e a muitas cren-ças em seus poderes mágicos e cabalísticos. No Brasil, a crença no poder mágico dos números levou muitas celebridades a mudar o seu nome, embora haja quem diga que se tratou de uma me-ra estratégia de propaganda. No entanto, como a superstição e o misticismo parecem ter profundas raízes no ser humano e são, sem dúvida, parte inseparável de nossa cultura, **Via Lateral** decidiu fazer uma pesquisa (não muito exaustiva, é certo) sobre o poder mágico e o significado geralmente atribuído aos números. Esses são os resultados.

Individualidade O número **um**, como não poderia ser diferente, é número do princípio e do principiante. Simboliza independência, força, originalidade, iniciativa, liderança, o próprio ego. O número **um** representa o princípio de todas as coisas, o nascimento, a unidade e a individualidade, o único e o indivisível. É a fonte da criatividade e da criação, a unidade do que é bom, é o lampejo, a intuição, a aposta.

Amizade O número **dois** simboliza a camaradagem, a parceria, o equilíbrio, a cooperação, a diplomacia, a beleza e o amor. Mas também implica ambiguidade, dúvida, escolha, separação, divisão, oposição. Nas altas esferas, o número **dois** estabelece a relação de oposição inseparável entre o quente e o frio, o doce e o salgado, o feio e o bonito, o agradável e o repugnante, o Bem e o Mal. O **dois** representa a controvérsia, mas a aceitação, a convivência e a amizade.

Perfeição O número **três** simboliza a geração, a inovação, a expansão, o movimento. Por isso, favorece a criatividade, e é o símbolo da mudança e do risco, da aventura. Também significa justiça, temperança e compreensão. Por isso o número **três** tem um papel destacado nas religiões antigas e modernas: Vênus, Júpiter e Juno, na mitologia romana; Osíris, Íris e Horus no antigo Egito, Pai, Filho e Espírito Santo no cristianismo; Brahma, Shiva e Vishnu no hinduísmo. **Três** é a síntese, a consequência, a alternativa. O **três** é perfeito porque nele se expressam o Passado, o Presente e o Futuro.

Consciência O **quatro** representa a solidez, a estabilidade, a responsabilidade, o empenho. Está ligado à Terra, e é o número de quem segue, mas do que o de quem é seguido. Segundo Pitágoras, o **quatro** é o «eterno princípio da criação», pois a soma dos quatro primeiros números (1+2+3+4=10) conduz à unidade do todo. Para os alquimistas, o **quatro** representava a transição da consciência do nível tridimensional mundano para o plano superior da quarta dimensão.

Mudança O **cinco** é o número da energia, da mudança, da liberdade, da autonomia, da inteligência e do gênio. Expressa o quinto elemento do espírito, a "quintessência" das coisas. O **cinco** representa a vitória do espírito sobre a matéria, o despertar da consciência, a vontade e o desejo. É o número da tranquilidade, do descanso no meio do percurso, é a proximidade, a satisfação, a essência ideal da natureza e do ser.

Prudência O **seis** simboliza o novo caminho, o recomeço. Ao mesmo tempo, é o pináculo, o cume, a visão de longo alcance, o horizonte. O **seis** é o número da observação, da reflexão, do pensamento. Mas é também o triplo do dois e o dobro do três, e traz em si a ambivalência e a alternativa. O seis é o número do estrategista, do que planeja, do general e do comandante. E é ainda o número do homem de mundo, que conhece muitas coisas e cuja mente está sempre aberta ao novo.

Intuição O número cabalístico por excelência. Os dias da Criação, para as principais religiões monoteístas. Sete dias tem cada lua e a semana. Sete são as cores do arco-íris, sete são as notas musicais, sete os pecados capitais. Segundo algumas tradições místicas, o sétimo filho do sétimo filho nasce com poderes mágicos e psíquicos. O **sete** é o acaso, a possibilidade, a esperança, a oportunidade. É o número dos adivinhos, dos viajantes, dos loucos, dos incompreendidos, dos que sonham acordados.

Entusiasmo Persistência, habilidade, satisfação pelo trabalho bem feito, isso é o **oito**. É o número cósmico da regeneração, simboliza a execução, a finalidade, a exaltação, a força vital. O **oito** é também o segredo, o conhecimento oculto, a via tortuosa. Mas, por isso mesmo, é o número da recompensa, da abnegação, da compaixão, da compreensão mais que do entendimento. O **oito** é o número do espírito inquieto, do investigador e do curioso.

Multiplicidade O **nove** representa a tolerância, a liberdade de pensamento, também a compreensão e a compaixão. O **nove** simboliza a chegada, a superação, a evolução individual e da humanidade como um todo. É também a espera, a paciência. É o número dos filósofos, dos que se ocupam da mente humana, dos médicos do espírito. É ao mesmo tempo a calmaria e a agitação, a bonança e a tempestade. É a soma e o que sobra.

Recomeço A conclusão e o retorno à unidade. Para os gregos antigos e para os hebreus, simboliza a perfeição. Dez é também o número do bem-estar, do conforto, da paz e da tranquilidade. Simboliza a meta, o caminho e a ponte. O **dez** é o número da distribuição, do compartilhamento, da interrogação e da confirmação. É o reflexo e a volta ao começo. O **dez** é a reinvenção.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

poesia bilingue

canto de mim mesmo

walt whitman

Walt Whitman (1819-1892) nasceu em Long Island, Nova York. Foi poeta, jornalista, impressor, carpinteiro, ensaísta e enfermeiro voluntário durante a Guerra Civil. É considerado o pai da moderna poesia norte-americana e um dos poetas mais influentes da história da literatura. Com sua poesia bucólica e amorosa, popularizou o verso livre. Os poemas abaixo fazem parte de «Canção de mim mesmo» (*Song of Myself*), uma das seções que compõem «Folhas de Erva» (*Leaves of Grass*), sua principal obra. Whitman foi um amante da vida ao ar livre e da gente comum, e em seus poemas não cessa de festejar a natureza e expressar seu amor pela humanidade. Foi um dos poetas preferidos da juventude rebelde da década de 1960, e sua influência continua tão atual como sempre.

poema 30

Todas as verdades esperam em todas as coisas,
Nem se apressam nem se demoram,
Não necessitam o obstétrico fórceps do cirurgião,
Para mím o ínfimo não é menos importante que o resto
(O que pode ser maior ou menor que um toque?)

A lógica e os sermões nunca convencem,
A humidade da noite penetra fundo em minha alma.

(Só o que revela a si mesmo a qualquer homem ou mulher é assim,
Só o que ninguém nega é assim.)

Um minuto e um gole de mim bastam para acalmar o meu cérebro,
Acredito que os torrões úmidos se tornarão amantes e lâmpadas,
E que o alimento de um homem ou mulher
é um compêndio de compêndios,
E que um cume e uma flor é o que sentem um pelo outro,
E que se estenderão seus galhos infinitamente até que se tornem o todo,
E até que eles nos deleitem, e nós a eles.

song of myself, 30

All truths wait in all things,
They neither hasten their own delivery nor resist it,
They do not need the obstetric forceps of the surgeon,
The insignificant is a big to meas any,
(What is less or more than a touch?)

Logic and sermons never convince,
The damp of the night drives deeper into my soul.

(Only what proves itself to every man and woman is so,
Only what nobody denies is so.)

A minute and a drop of me settle my brain,
I believe the soggy clods shall become lovers and lamps,
And a compend of compends is the meat of a man or woman,
And a summit and flower there is the feeling they have for each other,
And they are to branch boundlessly out of that lesson
until it becomes omnific,
And until one and all shall delight us, and we them.

poema 31

Acredito que uma folha de erva não é menos que a trabalhosa viagem
das estrelas
E que a formiga é igualmente perfeita, e o grão de areia,
e o ovo da curruíra,
E que a rã é obra-prima entre as mais altas,
E que a amora silvestre podería enfeitar os salões do céu,
E que a mais modesta articulação de minha mão humilha
qualquer máquina,
E que a vaca que pasta com a cabeça baixa supera todas as estátuas,
E que um rato é um milagre capaz de confundir a sextilhões de incrédulos.

Sinto que no meu ser se incorporam gnaisse, carvão, musgo de
longos fios, frutas, grãos, raízes comestíveis,
E que sou feito de quadrúpedes e de pássaros,
E que por boas razões me afastei do que ficou atrás,
Mas posso recuperá-lo quando tenha vontade.

Inutilmente a pressa ou a timidez,
Inutilmente as rochas incandescentes lançam contra mim seu
antigo calor,
Inutilmente o mastodonte se esconde entre o pó
dos seus próprios ossos,
Inutilmente as coisas ficam longe e adquirem formas diversas,
Inutilmente o oceano mergulha em covas onde dormem grandes monstros,
Inutilmente o abutre faz no céu a sua casa,
Inutilmente a serpente desliza entre o cipó e os troncos,
Inutilmente o alce busca os mais recônditos caminhos do bosque,
Inutilmente a torda mergulhadora voa para o norte, para o Labrador,
Eu os sigo velozmente, trepo até o ninho que está na greta do penhasco.

song of myself, 31

I believe a leaf of grass is no less than the journey-work
of the stars,
And the pismire is equally perfect,and a grain of sand,
and the egg of the wren,
And the tree-toad is a chef-d'oeuvre for the highest,
And the running blackberry would adorn the parlors of heaven,
And the narrowest hinge in my hand puts to scorn
all machinery,
And the cow crunching with depress'd head surpasses any statue,
And a mouse is miracle enough to stagger sextillions of infidels.

I find I incorporate gneiss, coal, long-threaded moss, fruits,
grains, esculent roots,
And am stucco'd with quadrupeds and birds all over,
And have distanced what is behind me for good reasons,
But call any thing back again when I desire it.

In vain the speeding or shyness
In vain the plutonic rocks send their old heat
against my approach,
In vain the mastodon retreats beneath
its own powder'd bones,
In vain objects stand leagues off and assume manifold shapes,
In vain the ocean settling in hollows and the great monsters lying low,
In vain the buzzard houses herself with the sky,
In vain the snake slides through the creepers and logs,
In vain the elk takes to the inner passes of the woods,
In vain the razor-bill'd auk sails far north to Labrador,
I follow quickly, I ascend to the nest in fissure of the cliff.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense